



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA - TEL

GABRIELA SILVA MARQUES

**O QUANTO CABE DENTRO DA ESPERA?: TRAÇOS E MEMÓRIAS DE
GUERRA DO LIVRO *A ESPERA, DE KEUM SUK GENDRY-KIM***

BRASÍLIA

2024

GABRIELA SILVA MARQUES

**O QUANTO CABE DENTRO DA ESPERA?: TRAÇOS E MEMÓRIAS DE
GUERRA DO LIVRO *A ESPERA*, DE KEUM SUK GENDRY-KIM**

**Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária
e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de
Brasília para a obtenção de Licenciado em Letras, no curso de
Letras: Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.**

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Trindade Nakagome

BRASÍLIA

2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à espiritualidade, por me guiar em caminhos que nem eu achava possível para mim.

Em segundo, agradeço às famílias que habitam em mim, especialmente àqueles que me apoiaram durante a escrita deste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Glace, por me ensinar a ser uma mulher forte e me dar colo quando necessário.

Agradeço ao meu pai, Nelito, pelo exemplo da profissão e pela sabedoria e acalento de suas palavras em todas as nossas conversas e abraços apertados.

Agradeço aos meus irmãos pela irmandade. Sei que sempre terei alguém com uma história parecida com a minha no mundo.

Ao Henrique, pelo incentivo com seus abraços, palavras e desenhos próprios, que me fazem entender a paixão e dedicação necessária que é preciso ser dada ao trabalho criativo.

Ao Vítor, pela escuta paciente, conselhos tão sábios e melodias que me fazem entender melhor sobre sua visão de amor.

À Ana Luísa, pelas risadas entre confidências e sua exemplar perseverança sobre a dedicação acadêmica, que me ensinou a não desistir daquilo que busco, por mais difícil que seja.

Agradeço às minhas avós, Maura, Ana e Nilza, que são exemplo de matriarcas fortes e mulheres carinhosas, que sempre cuidaram daqueles que amam.

Agradeço à minha madrasta, Valéria, por me ensinar a ser “despachada” e me dar um novo núcleo familiar. *Seja sempre forte e gentil, assim chegará onde você quiser.*

Agradeço à minha prima, Carol, por me contar, com tanta paciência, sobre o ambiente acadêmico e me mostrar suas tantas possibilidades e caminhos.

Agradeço à minha Tia, Márcia, pelos cuidados e amor que me deu durante toda a minha vida. Mesmo não estando mais aqui, sinto seu abraço nos momentos mais marcantes.

Agradeço o carinho da Professora Patrícia, sempre tão solícita e paciente com todas as minhas ideias e dúvidas. Sigo-a como exemplo de profissional que almejo ser dentro do ambiente acadêmico.

Por último, agradeço ao Guilherme e aos meus amigos, por sua escuta paciente, disponível 24 horas, que me possibilita botar para fora aquilo que deixa a gente inquieto e feliz.

Compartilhar a vida com vocês deixa tudo mais leve.

Flores Vacilantes

Onde, que flor se abre sem se vacilar?
Pois as mais lindas flores do mundo
Todas se abriram sendo sacudidas,
Retesaram firmes seus ramos sendo sacudidas
Pois, onde, que pessoa caminha sem se vacilar?
Onde, que flor se abre sem se molhar?
Pois as mais cintilantes flores do mundo
Todas se abriram encharcando-se
Abriram suas pétalas delicadas
molhando-se ao vento e chuva
Pois, onde, que vida caminha sem se molhar?

(Do Jong-hwan)

Tradução de Yun Jung Im

RESUMO

A *graphic novel* *A Espera* (2020), de Keum Suk Gendry-Kim, é palco da narrativa de episódios históricos da Coreia, por meio das histórias de civis que passaram pelos momentos de combate entre 1937 e 1953, nas Segunda Guerra Sino-japonesa e Guerra da Coreia, respectivamente. A visão dessa época tão forte do país é resultado da separação de diversas famílias, que hoje não possuem contato, por decorrência da divisão da região. As cicatrizes e reverberações que essas histórias encontram até hoje na população coreana, principalmente nos mais idosos, não são esquecidas facilmente. Ao entender a personagem Gwijá, conseguimos concretizar episódios que se parecem muito distantes, principalmente para pessoas que não conhecem esses fatos. Uma narração que mistura elementos simbólicos e fortes, para contar como o sentimento de espera pode abrigar tantos significados e lembranças. Dessa forma, proponho uma observação da obra a partir de uma contextualização baseada no texto de Yoo Im-ha (2006) sobre a construção da memória nacional coletiva durante a Guerra da Coreia e da análise de imagens selecionadas, baseada em interpretações de traços e da grande quantidade de árvores e seus possíveis significados.

Palavras-Chave: *A Espera*; Guerra da Coreia; Memória Nacional Coletiva; imagens.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
A ESPERA de KEUM SUK GENDRY-KIM.....	8
A MEMÓRIA DE GUERRA COLETIVA NA LITERATURA DURANTE A GUERRA DA CORÉIA.....	13
A literatura coreana durante a Guerra Fria.....	14
A Growth experienced generation - Narrativa de divisão.....	15
A importância social do resgate da memória coletiva feita por mulheres.....	17
ANÁLISE DE IMAGENS SELECIONADAS DE A ESPERA.....	18
Os traços de A Espera.....	20
As árvores de A Espera.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 - Capítulo 1, Página 17.....	20
FIGURA 2 - Capítulo 4, Página 88.....	21
FIGURA 3 - Capítulo 6, Página 119.....	21
FIGURA 4 - Capítulo 8, Página 191.....	22
FIGURA 5 - Capítulo 6, Página 141.....	23
FIGURAS 6 e 7 - Capítulo 6, Páginas 142 e 143.....	23
FIGURA 8 - Capítulo 3, Página 71.....	24
FIGURA 9 - Capítulo 7, Página 154.....	25
FIGURA 10 - Capítulo 8, Página 178.....	25
FIGURA 11 - Capítulo 8, Página 189.....	26
FIGURA 12 - Capítulo 10, Página 227.....	27
FIGURA 13 - Capítulo 10, Página 242.....	28
FIGURA 14 - Capítulo 10, Página 244.....	28
FIGURA 15 - Capítulo 1, Página 9.....	29
FIGURA 16 - Capítulo 2, Página 28.....	30
FIGURA 17 - Capítulo 2, Página 45.....	31
FIGURA 18 - Capítulo 2, Página 40.....	32
FIGURA 19 - Capítulo 3, Página 66.....	33
FIGURA 20 - Capítulo 4, Página 81.....	33
FIGURA 21 - Capítulo 4, Página 82.....	34
FIGURA 22 - Capítulo 4, Página 85.....	34
FIGURA 23 - Capítulo 4, Página 77.....	35
FIGURA 24 - Capítulo 4, Página 94.....	36
FIGURA 25 - Capítulo 4, Página 95.....	37
FIGURA 26 - Capítulo 5, Página 99.....	38

INTRODUÇÃO

Desde 2020 tenho me interessado pela cultura coreana e, especialmente, sua literatura. Com o aumento do interesse, minha pesquisa também procurou ficar mais aprofundada e científica. Entretanto, percebi que lia somente obras em língua inglesa, o que me fez questionar como essa relação da literatura coreana com a América Latina tem sido escassa, principalmente aqui no Brasil. No contexto do nosso país, há somente um curso superior voltado ao estudo da língua e literatura coreana, na USP, que foi criado somente em 2012. Portanto, a maioria dos estudos acadêmicos voltados à literatura coreana no Brasil são provenientes de lá.

A professora Yun Jung Im Park, também tradutora do livro tema principal deste trabalho, é uma das grandes responsáveis por essa parcela de disseminação científica contemporânea sobre a cultura coreana no território brasileiro. Por meio de suas traduções, pude conhecer diversos títulos coreanos em português. Com traduções diretas do coreano, há detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos em obras previamente traduzidas do inglês e, então, português. Em suma, a obra presente tem o objetivo de agregar à pesquisa da literatura coreana no Brasil, permitindo que mais pessoas do país possam também ser tocadas por essa rica cultura, cheia de histórias diferentes, mas também iguais, a de nós, brasileiros. Confesso ter sido um desafio trazer esse estudo, já que, como estudante da literatura brasileira e portuguesa, tive contato mínimo com a literatura oriental como um todo durante a graduação. Foi como aprender a andar de bicicleta novamente.

O seguinte trabalho, dividido em três partes, conta com uma apresentação da obra *A Espera* (GENDRY-KIM, 2020), contextualização teórico-literária da época da Guerra Fria e da Guerra da Coreia e análise de imagens selecionadas da *graphic novel*. A pesquisa foi possível a partir do uso da obra em si e do texto *Breaking the Seal of Memory: A New Perspective on Memory of the Korean War in Korean Novels after the Post-Cold War Era* (Yoo, 2006).

A obra possui o recorte de conflitos que aconteceram na Península Coreana durante a 2ª Guerra Mundial, Guerra Fria e, conseqüentemente, a Guerra da Coreia. Então, por meio de uma seleção de imagens, a análise de cenas mais profundas foi possível, me baseando em eventos reais e possíveis significações para os símbolos escolhidos pela autora, com um

especial destaque aos traços escolhidos por ela e a colocação de árvores em momentos significativos para a história.

A contextualização trazida pela HQ é ponto de partida fundamental para a busca teórica da literatura da época. Nesse sentido, procurei textos que pudessem fundamentar a questão literária da época e acabei chegando no texto de Yoo Im-ha (2006), que perfeitamente percorre os traços de cada uma dessas fases constituintes da Guerra Fria e Guerra da Coreia. Ademais, o estudo teórico trouxe uma fundamentação à construção literária de *A Espera*, que se iguala em diversos sentidos com os autores da chamada Narrativa de Divisão, que buscava a retomada de histórias que haviam sido marginalizadas durante as guerras.

***A ESPERA* de KEUM SUK GENDRY-KIM**

“*Esperei, mesmo sabendo que aquilo que eu espero. Não vem, esperei mesmo sabendo que a vida é esperar até se cansar.*” O trecho retirado do poema *Esperando baleia...* (original ‘고래를 기다리며’), de Ahn Do-hyun, apesar de abordar uma séria questão ambiental, também traduz um interessante conceito sobre a espera. Essa ação, que comumente fazemos em nosso cotidiano com coisas tão simples, como esperar a aula começar ou esperar o sinal abrir, pode se abrir para um espectro de sentimentos e significados. Esperar significa entender que teremos que passar por um tempo até que aquilo que desejamos aconteça. Ou não. Mas, em qualquer circunstância, esperar também significa ter **esperança**, seja ela boa ou ruim.

A Espera (2020, no original ‘기다림’) é uma *graphic novel* feita pela artista coreana Keum Suk Gendry-Kim, que já recebeu o Harvey Awards de *Best International Book* (Melhor livro Internacional) por sua obra antecessora *Gramma*. *A Espera* foi publicada em Setembro de 2020 e traduzida, diretamente do coreano para o português, por Yun Jung Im, em 2021.

Dividida em dez capítulos, conta um pouco da história do final da Segunda Guerra Mundial, fundida a também Segunda Guerra Sino-japonesa, da Guerra Fria e da Guerra da Coreia. Perpassa o que foram esses eventos para os civis que moravam na Coreia e como isso os afetou - e afeta até hoje. As marcas que permaneceram nas vidas das famílias que

foram separadas depois dos acontecimentos de 1950 a 1953 reverberam no sangue do povo coreano. Após a divisão da Península Coreana entre os pólos do Norte e Sul (URSS e EUA, respectivamente), uma Guerra surgiu entre os dois lados, visando tomar o poder da outra parte. Portanto, ao declararem um armistício em 1953, o país se dividiu em dois e aqueles que não conseguiram estar juntos, separados em cada parte da Península, não conseguiram mais se encontrar.

A senhora Gwijá é a personagem principal da trama, que narra desde sua infância, em uma província ao norte do país (que hoje faz parte da Coreia do Norte), de 1937¹ até o momento em que chega na região de Seul, capital da atual Coreia do Sul, após o começo da Guerra da Coreia. A história dessa senhora, que é uma mistura dos relatos da mãe da autora junto com o de outros sobreviventes desse momento, mostra de maneira simbólica e pessoal as cicatrizes e rastros deixados pelos conflitos.

A narração começa com uma localidade importante e simbólica para o restante da história: *Ilha de Ganghwa, 2020*. O local é um dos mais próximos do Paralelo 38², perto dos limites norte-coreanos. Ao lermos “*Deixei minha mãe*”, o peso da história se inicia, como um ciclo. A narradora segue, “*Não foi porque eu quis*”, representando também o processo forçado de separação vivido pela mãe. Contextos contemporâneos também afetam a decisão da filha de se mudar daquele bairro que vivia, perto da casa de sua progenitora. O capítulo estende-se com culpa e peso de uma filha que se sente responsabilizada pelo cuidado com a mãe. Ainda que sofresse dentro de sua antiga casa, não conseguia parar de pensar em quem deixou, mesmo que seu irmão ainda estivesse por perto. Não há culpa apenas por deixar sua mãe idosa, mas também por outras questões que envolvem a história de afastamento da mãe com outros familiares. Há culpa por deixá-la, mas também por saber que esse processo se trata de viver uma vida melhor para si.

O segundo momento da *graphic novel* conecta-se mais com a figura da mãe. Apesar de ter momentos diretos da narração da filha Jiná, esse momento dá maior luz à Gwijá, quando a senhora recebe mais atenção em relação a seus pensamentos, movimentos

¹ Momento de eclosão da Segunda Guerra Sino-japonesa.

² Linha latitudinal que indica a divisão da Coreia do Norte e Coreia do Sul. Hoje, passa pela Zona Desmilitarizada.

e realidades. A conversa com a amiga, na vizinhança, é um excelente exemplo de como conseguimos ver a figura dela não só como a de mãe, mas de uma mulher que também tem sua vida e conversas pessoais com pessoas alheias à sua família. O diálogo com alguém de parecida idade e experiências desperta uma noção de percepção daquela mãe como mulher, com pensamentos, histórias e ideias. A ilustração sobre a lembrança de suas infâncias torna-se um florescer da paisagem de suas províncias natais (GENDRY-KIM, 2020, p. 44). É um momento marcado por identificação e espelhamento de sentimentos e cicatrizes. Esse capítulo mostra que conseguimos enxergar aquelas senhoras como jovens, com histórias, medos, dúvidas e saudades. Essa importante abertura serve como transição para a narração da história daquela senhora em sua infância, no momento de conflitos, guerras e eventual separação da Coreia e suas famílias.

Começamos a entender a figura daquela mãe como mulher e sua história. No livro *Por Favor, Cuide da Mamãe*, de Shin Kyung-sook, é possível ver essa mesma construção, da evolução de percepção da mãe-mulher. A visão daquela mãe encontrando com suas memórias é muito bem caracterizada a partir da lembrança de Meia, seu cachorrinho que a acompanhava quando criança. Vemos então como aquele ser era simbólico para Gwijá. Toda a página 59 é voltada à descrição do que seria o dever da mulher naquele momento, possui a presença constante do cachorrinho, colocando em vista aquela visão da criança que ainda não havia sido perdida e estava presente em cada passo que dava. “[Meia] Ele era o melhor.” (GENDRY-KIM, 2020, p. 59). Como muito na literatura, a figura daquele animal passou a representar a infância da menina, que passa e é cortada, abruptamente, quando contado de seu desaparecimento e morte.

Em decorrência do Tratado de Eulsa³, a Coreia tornou-se um protetorado japonês. Portanto, durante a Segunda Guerra Sino-japonesa, houve a convocação de soldados coreanos. Um dos convocados foi o irmão mais velho de Gwijá. Após juntar-se ao exército, na Manchúria, ouviram sobre o irmão apenas mais uma vez. A perda de alguém, marcada pela consequência de uma guerra, é algo forte e traumático. Ainda lembrado com dor, a memória da morte é trazida com beleza⁴ naquele pinheiro da vila onde moravam.

³ Tratado entre Japão e Coreia, assinado em 1905, que tirou a independência diplomática do Império Coreano.

⁴ Em entrevista a KLN, a autora conta como vê “a beleza da humanidade no desejo de seguir em frente”.

O casamento de Gwijá acabou sendo acelerado pelo momento, para que não fosse permitido virar uma mulher de conforto⁵ para os japoneses. Entretanto, mesmo com o terror que os rondava, o noivado aconteceu, seguido de um simples casamento. Antes de ir para a nova casa, a mãe de Gwijá tornou-se uma mulher na percepção da filha. Ao contar sobre suas condições como mãe e esposa, vê-se que procura um futuro parecido para a menina. A senhora coloca ali a importância dos filhos e de como aquilo torna-se o mais importante na vida de uma mãe. Em 1945, com a rendição do Japão, os conflitos acabaram e foi permitido que muito daquilo que a Coreia escondeu fosse visto novamente⁶. Porém, com o fim da guerra, a URSS e os EUA entraram com forças militares na região, dominando, respectivamente, o Norte e o Sul. A situação representada na história, com o território cheio de soldados russos, não era amistosa.

A ilustração que inicia o quinto capítulo (GENDRY-KIM, 2020, p. 99) traz o significado gracioso que agora Gwijá carrega como mãe. Ela se tornou uma figura carinhosa e atenciosa. Sang-II, seu menino, trouxe os momentos de ternura que possuía. Após o nascimento de sua segunda filha, em 1950, Gwijá e o marido foram até a casa de seus sogros para apresentá-la. Durante a noite, uma família se abrigou ali e os alertou para a Guerra⁷ que havia estourado. A briga entre as entidades políticas dos dois pólos, levou ao combate das duas regiões, que contaram ainda com a ajuda de outros países e da ONU. Ao entrarmos na marcha dos coreanos do norte para o sul, durante o começo dos conflitos, entendemos a movimentação de milhares de vidas, que procuravam um local mais seguro para se abrigar. Gwijá e sua família, como todos ali, passam por desafios diários para conseguir fazer o necessário pela sobrevivência. Com incertezas sempre presentes, a esperança daquilo acabar os fazia seguir. Houveram diversos relatos horrendos durante a peregrinação, como quando diversos ataques aéreos atingiam os itinerantes sem escrúpulos. A ilustração das aves (GENDRY-KIM, 2020, p. 133) é um símbolo daquela migração, que agora vem do instinto de sobreviver.

⁵ Também podem ser conhecidas como "escravas sexuais", eram mulheres que eram coagidas/assediadas sexualmente pelo Exército Imperial Japonês.

⁶ Como uma forma de dominação, a cultura coreana foi abafada por meio de leis que obrigavam o uso do japonês, sem contar a proibição da escrita do hangul e diversos tipos de manifestações culturais.

⁷ Guerra da Coreia (25 de junho de 1950 a 27 de julho de 1953).

A separação de Gwijá e sua filha de seu marido e Sang-Il ocorre por terem se dividido um do outro. Ao dar de mamar para a filha, ela se afasta um pouco da marcha. Entretanto, ao retornar, o marido e o filho não estavam mais ali. As ilustrações que finalizam o sexto capítulo traduzem o que ela deveria estar sentindo: desespero, medo e multidão. O desaparecimento do marido e filho a atormentavam, mas continuou andando, segurando-se na esperança de encontrá-los novamente. Eclosões de batalhas levam a mulher a fugir dali por um trem de carga. *“Por que tinha que ser justamente um trem de carga?!”* (GENDRY-KIM, 2020, p. 165). A pergunta ressoa como uma resposta ao que aquele momento havia se tornado: conflitos pelo poder, ignorando a quem realmente constitui aquele país, tratados como simples carga.

Com o retorno aos dias mais atuais, Gwijá encontra com sua amiga e escuta sobre seu relato do 21º reencontro entre famílias do norte-sul. As ilustrações deste capítulo contaram com a representação de verdadeiros encontros ocorridos em 2018. Ela conta das restrições, de como foi rápido e que as emoções a dominaram. A representação das despedidas configuram confusão, desespero e saudade. Com uma intervenção narrativa da autora, foi contado que a história daquela senhora realmente ocorreu. Mesmo com futuras esperanças de outros reencontros, é difícil que todos os inscritos encontrem seus familiares.

Em uma volta ao passado mais recente, durante uma viagem à Jeju, Jiná e Gwijá conversam um pouco mais sobre a fuga que ocorreu no “navio dos milagres”. A senhora, que conseguiu um lugar para ela e sua filha no navio, relata os três dias que passou ali. Assim que saíram com o navio, o porto de Hungnam foi explodido, para impedir que o exército chinês atacasse. Dentro daquela embarcação existiu fome, medo e frio. Todas as pessoas que estavam ali desembarcaram em Geoje, ilha ao sul da Coreia. O desembarque no dia do Natal ficou marcado para sempre na história daquelas pessoas e do país.

Gwijá ficou na ilha por um tempo, momento em que fez diversos movimentos para continuar sobrevivendo. Relata ainda sobre as mulheres que rondavam as cercas da base militar americana, em busca de dinheiro, que eram subjugadas e sofriam preconceito da

sociedade⁸. Eventualmente, Gwijá mudou-se para Busan, onde conheceu seu segundo marido. A aproximação ocorreu por conta do filho desse homem, em quem via o seu, desaparecido. Mesmo tendo se juntado, combinaram que, caso encontrassem seus respectivos cônjuges, voltariam para eles. Ainda assim, os dois tiveram filhos e filhas juntos.

A narrativa se encerra com o relato de Jiná criança. Ela conta sobre a época do programa *À Procura de Famílias Separadas* (1983), da emissora *KBS*, quando seus pais sentiram novamente esperança em encontrar seus entes queridos. A narradora conta como aquilo não a afetou na época, mas como sua vida estava cercada por consequências daquele momento. Gwijá passou por diversas perdas, como a de seu segundo marido e de sua filha mais velha. Mesmo assim, ainda tentava manter aquela esperança da espera, mesmo que se cansasse.

A obra conta com ilustrações e linguagens que trazem as marcas desse momento tão conflituoso na história da Península Coreana. A delicadeza brutal que a autora tratou na produção dessa narração não deixa dúvidas da importância e cicatrizes que foram deixadas. *A Espera* fala daquilo que é preciso ser visto, em respeito àqueles que vivem a marca eterna dessa separação.

A MEMÓRIA DE GUERRA COLETIVA NA LITERATURA DURANTE A GUERRA DA CORÉIA

Discutir sobre a memória na literatura certamente é um desafio, visto que o assunto abrange não somente teorias literárias e linguísticas, mas também questões psicológicas, sociais, antropológicas e assim por diante. Este é um assunto diverso e multidisciplinar por tratar-se de ideias profundas, conscientes e inconscientes. É notório que lembramos, e portanto escrevemos, tratando-se da literatura, daquilo que temos contato e conhecimento ao nosso redor. Sendo assim, o quão importante é a memória social, cultural e política que nos cerca e como isso afeta a literatura?

⁸ A autora, durante entrevista à KNL, disse ter começado a pensar sobre as mulheres de conforto após ir a um festival de filmes de mulheres coreanas, e participou como tradutora simultânea, em eventos de um livro publicado na França sobre o assunto.

Para que tal pergunta seja respondida, gostaria de que olhássemos para a obra que será aprofundada neste trabalho. *A Espera*, como vimos, é uma obra coreana, que abrange a absorção das cicatrizes da Guerra da Coreia (1950-1953), uma consequência de diversos conflitos posteriores, como a invasão japonesa (1910-1945), a Segunda Guerra Sino-japonesa (1937-1945), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria (1947-1991). Tal conflito permanece, até hoje, em uma situação delicada. Com a divisão da península coreana em 1943 após a Declaração de Cairo, uma forte intervenção militar caiu sobre a esfera Sul do país, que adotou uma política anti-comunista, reforçada pelo exército americano, que tentava dominar revoltas sociais antagônicas à ideologia dominante.

Para a colocação teórica da época, proponho olharmos para o texto *Breaking the seal of memory: a new perspective on memory of the Korean War in Korean Novels after the Post-Cold War Era* (2006), de Im Ha Yoo, em que discorre sobre como a criação da memória coletiva de guerra feita pelo governo, em uma época de ditadura, influenciou a escrita literária, que enfrentava uma censura política anti-comunista. Essas memórias traduziram-se em lembranças podadas, que traziam um senso de nacionalismo à situação dos conflitos da época. Yoo aborda sobre as diferentes épocas dentro da literatura sul coreana e como o papel revolucionário dos autores da época influenciou a retomada da história dos reais personagens que passaram pela guerra coreana e foram (são) influenciados por tais vivências.

A literatura coreana durante a Guerra Fria

Durante os anos 1950, a prosa e a poesia seguiram caminhos diferentes. Enquanto a tendência poética seguia em uma objetificação das “ruínas e cicatrizes” da guerra, a prosa abordou uma tendência tristonha, que ia na direção contrária a seguida pela política de ressentimento em relação ao sistema comunista e sua ideologia (YOO, 2006, p. 115). Enquanto essa visão focada nas anedotas trágicas permeiam a literatura coreana, havia a falta de pensamentos críticos quanto à própria guerra, sua causa e seu processo (YOO, 2006, p. 117). Essa nova tendência reafirmava a memória coletiva de guerra, mantendo problemas ideológicos delicados em silêncio. A obra *Os descendentes de Caim* (no original ‘카인의 후예’), de Hwang Sun-won (1956), retrata a situação da separação das duas

Coréias por meio da representação figurativa entre Caim (Norte) e Abel (Sul). No texto, há a afirmação do Norte comunista, ainda trazendo-o como o responsável pela grande violência da guerra, reforçando o antagonismo e culpa comunista sob o conflito separatista, dentro da memória coletiva coreana.

A literatura de testemunho apareceu em alguns autores perto de 1955. Havia, então, um reconhecimento da guerra como uma violência que reduzia os seres humanos a coisas e os fazia enfrentar a morte e a pobreza extrema. Esses novos autores, por meio da literatura de testemunho, abordavam a brutalidade da guerra, que os forçava a perder a humanidade (YOO, 2006, p. 118). Essa abordagem trouxe um olhar mais crítico à própria guerra, ao que antes parecia apenas repetir-se em trágicas anedotas da vida pós guerra. Enquanto escritores de gerações mais antigas retomavam as questões trazidas pelas cicatrizes da guerra, os escritores pós guerra tentavam abordar uma visão que contava sobre as consequências do conflito pelos olhos de um “homem civilizado” (YOO, 2006, p.119), então trazendo a tona as experiências reais vividas ali. Nas obras produzidas após 1960, deixavam em entrelinhas aquilo que realmente gostariam de mostrar sobre as verdades por trás da guerra.

A Growth experienced generation - Narrativa de divisão

A censura pós guerra acontecia em favor de um movimento anti-comunista. Dessa forma, para que não começassem novos movimentos contrários, eram proibidas as escritas sobre memórias de relativos ou familiares, sendo apenas permitido escrever sobre as memórias de guerra públicas (YI, 1972, p. 121). Assim, o silenciamento de memórias pessoais era facilitado.

A confirmação da divisão da península em dois países deixou a situação mais delicada, fazendo com que as memórias que estavam escondidas fossem intencionalmente esquecidas e marginalizadas. Diante dessa realidade, o escritor que ainda gostaria de transmitir algum tipo de história, teria que *“possuir uma mente que penetre não a superfície, mas a profundidade da realidade”* e *“criar um nível mais alto de sua mentalidade para negar e também aprovar a realidade política”* (YI, 1972, p. 125. Tradução minha.). Os textos de um escritor estão diretamente conectados com as suas fundações sociais e capacidade cultural (YOO, 2006, p. 121). Portanto, durante os anos

1960, a escrita possível era aquela “silenciosa”, adaptada à censura, que tornava a história pessoal um enredo anticomunista.

Depois da obra de Choe In-hun (1960), criou-se uma tendência de aqueles que cresceram na guerra, falar sobre suas experiências, mesmo contra o que se ditava na época. Eles tentaram construir as memórias da guerra sob a justificativa de serem factuais e claras, sendo essas memórias narrativas da guerra coincidentes com os anos 1950 (YOO, 2006, p. 122). Essas experiências subjetivas narradas se estenderam às visões históricas. Dessa forma, a intenção dos autores virou tratar as tragédias familiares causadas pela guerra à “trágica realidade nacional” (YOO, 2006, p. 122).

Essa forma de trazer memórias/resultados da guerra era uma maneira de burlar a censura, o que também impactou a questão política ideológica, suas violências e controles da ditadura da época. Os espaços da narrativa que traziam essas memórias eram sempre a ambientização na cidade natal, o silêncio e as famílias em situação de pobreza, com cenas situadas durante a noite. Enquanto isso, direitistas e esquerdistas usavam a violência uns contra os outros. Desaparecimentos dos pais (considerados comunistas); vigilância da mãe, para que pudessem permanecer vivos, e o rápido amadurecimento das crianças devido às tragédias. Durante a guerra, muitos pais sumiram/foram tragicamente mortos por serem considerados esquerdistas/comunas. A partir dessa **narrativa de divisão** (YOO, 2006, p. 122), foi possível restaurar memórias individuais históricas da guerra e, assim, passíveis de serem realocadas na história. Essas memórias haviam sido apagadas, mas foram trazidas de volta com esse movimento literário. Muitas dessas características conectam-se com *A Espera*, falando um pouco das similaridades em trazer propositalmente histórias marginalizadas, algum dia postas como menos importantes, em lugares protagonistas.

Durante os anos de 1980, viu-se uma retomada de pensamentos políticos independentes dentro da literatura, de ambos lados da moeda. As memórias individuais pertencentes a ambos os lados políticos foram trazidas para o centro, já que antes estavam à margem. Alguns autores, como Chun Doo-hwan (1980), buscaram refletir sobre a origem da violência nacional naquela época, no processo dos sistemas divididos e na Guerra da Coreia. A justificativa encontrada para a Guerra foram os complicados aspectos do conflito, como as batalhas regionais, civis e a guerra global (YOO, 2006, p. 127). As memórias coletivas da guerra começaram a enfrentar alguns “problemas” após uma

mudança no cenário político na Coreia do Sul em 1980. Com movimentos intelectuais contra a ditadura militar da época, uma onda de questionamentos começou a surgir, à procura da origem da violência nacional (YOO, 2006, p. 129). A literatura desse movimento é caracterizada pela busca de histórias individuais da época de guerra, que conversam com a realidade do povo coreano. Esse “retorno de memórias oprimidas” fez com que as histórias de vitória, postas como “coletivas” pelo governo, perdessem o peso e autoridade.

A importância social do resgate da memória coletiva feita por mulheres

Escritos femininos se tornaram também um marco importante na expressão da memória da guerra. Citadas por Yoo, tem-se destaque para os romances de Park Wan-seo e Jo Eun. Park Wan-seo trouxe em suas obras uma reflexão da mulher que entra em uma sociedade moderna, ainda com conexões de memórias antigas. Muito se falou sobre reflexões individuais dessas mulheres protagonistas de suas histórias, mais ligadas a “composições românticas da narrativa” (GIDDENS, 2001, p. 33-42). Nas histórias da autora, se interligam episódios modernos com as experiências familiares, em detalhes, da experiência feminina cotidiana. Essas histórias são estruturadas em questões mais concretas, relacionadas ao indivíduo, à história, sociedade e realidade (YOO, 2006, p. 131), diferente das histórias masculinas, que abordam aspectos mais abstratos, distantes de questões diárias. A marca de Park em seus escritos é mostrar como a tragédia da guerra e da divisão permeiam os membros da família. Em narrativas autobiográficas, a autora conta das memórias narrativas da guerra, como o caminho que levou a morte de seu irmão, que, em seu passado, envolveu-se em movimentos esquerdistas. Esse ponto é profundamente abordado em sua obra, que levanta a questão da opressão de sua história e o ressentimento que isso trouxe (YOO, 2006, p. 132). Os textos de Park são importantes marcos na mostra de consequências do pós-guerra na visão da mulher. Além disso, aborda também o quão irresponsável é o poder do Estado nessa situação, que sozinho promove os conflitos ideológicos da guerra.

Já Jo Eun traz em sua obra uma construção de memórias silenciadas por mulheres, de maneira autoavaliativa e autoreflexiva, a fim de que sua família pudesse sobreviver em um território anticomunista. Em uma “jornada da memória”, como pontua Jo, a narrativa segue o princípio da lembrança, sem que se tenha uma tradicional “fórmula dramática”, em

que há um problema e sua resolução (YOO, 2006, p. 133). A narrativa diferencia-se na falta de delicadeza e ordenando a narração de maneira que o trauma deixado pelas marcas da guerra é posto em evidência. A história oral feminina, para Jo, é extremamente importante, sendo a estrutura de sua narrativa essa dinâmica de “abertura e fechamento da memória” (YOO, 2006, p. 133). *Oral life history* é um projeto cultural coletivo de Jo Eun, que visa trazer ao centro da discussão “histórias individuais de ninguém”, de pessoas sem nome, e memórias de mulheres que foram silenciadas durante a guerra. A obra de Jo cobre a vida de uma mulher da idade dos 5 anos (período em que começou a guerra, 1950) até os 55, quando um memorial foi aberto em Gwanghwamun no ano 2000. Essa “jornada da memória” contou com o caminho dessas memórias frequentando o passado e o presente, para que olhássemos para a “memória não contada por ninguém”, cheias de dor e sofrimentos, vividas por mulheres (YOO, 2006, p. 134). Dessa maneira, a “criação da memória feminina de guerra”, que abrange a dificuldade e cicatrizes deixadas pelo conflito e opressão de gênero da época, tem significativo papel na literatura pós guerra, já que dá voz às “coisas secretas das mulheres que nunca foram perguntadas antes” (YOO, 2006, p. 135). Portanto, a voz feminina trazida pelas duas autoras em obras que são, em parte, autobiográficas, traz uma expressão da memória de mulheres que complementa a real memória coletiva de guerra, afetando também a história do país.

A narrativa de divisão consolou diversas cicatrizes da guerra e tiveram um importante papel ao quebrar os lacres das memórias proibidas. Como aponta Eagleton (1996), é importante entendermos que a literatura constitui-se de juízos de valores, que são estruturados em ideologias sociais. Dessa maneira, a memória de guerra construída ao longo dos anos pós Guerra Fria na Coreia do Sul conta uma história de resistência e resgate que ocorre até hoje, como em *A Espera*. Keum Suk Gendry-Kim, por meio de sua narrativa, aborda questões um dia silenciadas por um regime de censura, trazendo à tona como tais marcas permeiam, até os dias atuais, a população coreana e suas histórias.

ANÁLISE DE IMAGENS SELECIONADAS DE *A ESPERA*

A *graphic novel* apresenta uma linha narrativa não linear, no sentido em que há um “vai e volta” de tempos cronológicos e uma “troca” de elementos narrativos. Essa linha narrativa é conduzida por Jiná, que a separa em: presente (2020), passado (2018), passado mais distante (com começo em 1937), passado (2018), passado mais distante (1950) e presente (2020). A volta ao passado da mãe é assumida por Gwijá, que sempre conta a história com aspas, mostrando ao leitor que sua intervenção é mediada por outro narrador (Jiná). Essa narração idealizada pela filha é a forma que se propõe a relembrar a vida passada de sua família, para que a história não contada possa vir à tona. Jiná, por meio da narração, dá voz à sua mãe, colocando-a no centro da História, junto com a família de Gwijá, que constituiu antes de ir até a parte Sul do país. Essa literatura, principalmente a que se reforça após a entrada da fala da mãe entre aspas, vai de encontro à literatura de testemunho, que tem como objetivo “juntar os cacos da história” (GAGNEBIN, 2006), além do discurso literário proposto depois da Guerra Fria na Coreia do Sul, que visava a abordagem de histórias não contadas, incluindo memórias subjetivas e autobiográficas dos autores e seus familiares próximos, a fim de construir também uma história coletiva (YOO, 2006).

Como trata-se de uma História em Quadrinhos, é importante abordarmos a associação da imagem, texto e mensagem a ser passada para o leitor. Por meio de uma análise de imagens selecionadas para este trabalho, é possível notar a forte presença dos traços como parte da contação da história e, especificamente, da importância da árvore na construção da ideia de memória/lembrança na narração. Em relação aos traços, sua intensidade ou suavidade faz parte da narrativa presente, assim como a sua interpretação pode levar a um caminho de leitura das emoções que estão sendo transmitidas em suas imagens que, como é importante frisar, podem falar mais que a presença de um texto escrito. Sendo assim, a ideia é que possamos observar, dentro dessa análise e comparação dos traços, situações vulneráveis emocionais, por vezes com um aspecto tumultuado; angústia e momentos de questionamento sobre a perda da humanidade durante a guerra; e alguns momentos felizes vivenciados. Também na discussão, a proposta do recorte botânico dá-se com uma separação em padrões de sentimentos de culpa/preocupação; uma nostalgia dolorosa e lembranças/memórias angustiantes.

Os traços de *A Espera*

Começamos com uma análise de imagens ligadas a angústia das personagens. Quando, no começo da HQ, vemos Jiná lembrando das circunstâncias que a fizeram mudar de casa, ela se recorda também da mãe que ficou na capital, longe de sua nova moradia. Nesta figura, observamos a preocupação tomar mais do que só a cabeça de Jiná, mas também parte de seu corpo. Além disso, observamos traços já borrados em seus sombreamentos, que se destacam perto da ilusão da luz dentro de sua memória, um jogo em que um precisa do outro para existir:

Quando eu morava em Seul, tinha que passar pela casa da mamãe a caminho da minha.



FIGURA 1 - Capítulo 1, Página 17.

Já na vivência da guerra, vê-se uma imagem em que os soldados russos chegam à Península após a liberação do Japão (1945). Tal sequência dá-se por meio de uma representação de diversos soldados, todos sem rosto nítido, de maneira a tirar-lhes a identidade e aquela ser uma imagem da guerra, com traços borrados e um padrão com linhas escuras e secas. Essa colocação das imagens demonstra um tipo de maldade do que viria a ser aquela guerra, com muitos soldados e posições indo contra a população civil da Península, corroborando ao que viria ser a Guerra da Coréia (1950 - 1953):



FIGURA 2 - Capítulo 4, Página 88

Dentro dessa temática, há a uma interessante comparação entre a última imagem e a colocada para representar o civis que estão fazendo a migração da parte Norte da Península até a parte Sul. Nela, há a representação de também várias pessoas, mas nessa, o rosto delas fica mais claro e conseguimos ver a expressão de todas: um tipo de medo, do porvir, além de um padrão de traços da figura estarem finos e borrados. Essa identidade dos coreanos mais expressa pela autora reforça também o protagonismo dessas pessoas em relação a toda situação de Guerra. Tal colocação também corrobora com a teoria dos *Growth experienced authors* (YOO, 2006), em que a narrativa vem da mãe da autora, continuando a dar-lhe voz por toda a situação que viveu e reverbera até o momento contemporâneo, em suas histórias e em seus descendentes.



FIGURA 3 - Capítulo 6, Página 119

Uma interessante representação da memória de maneira mais literal é a lembrança feita pela amiga de Gwijá, que conta como foi seu reencontro com a irmã após a separação. Esse encontro realmente aconteceu em Agosto de 2018, promovido pela Cruz Vermelha para promover a visita de famílias que se separaram durante a Guerra da Coreia. Ao final do relato, o que sobrou para a amiga foi um lenço dado pela irmã, sendo aquilo que ela se “agarra” para a lembrança de sua família que ficou na Coreia do Norte, principalmente sua irmã mais nova. Tal memória preenche seu corpo, com uma ilustração de traços finos e borrados.



FIGURA 4 - Capítulo 8, Página 191

Ainda nesse tipo de representação da memória e da saudade, há a figura que mostra o vazio dentro de Gwijá após se perder do marido e filho. Esse sentimento, difícil de ser colocado até em palavras, está representado pelo vazio dentro de si mesmo, com um desenho cheio de borrões, sombreados e uma feição de angústia pela situação proporcionada pela Guerra.



FIGURA 5 - Capítulo 6, Página 141

Essa imagem complementa-se com a da próxima Página, que mostra a memória dominando-a, presente em borrões, formas manchadas, rabiscos, granulados e se definindo, como se também assim acontecesse com a dor de Gwijá.



FIGURAS 6 e 7 - Capítulo 6, Páginas 142 e 143

Agora, quando falamos de situações vulneráveis durante a narração de Gwijá, há um episódio sobre a lembrança de Meia, seu cachorro, durante a infância, que desapareceu sem explicações, mas com uma suspeita de ter sido comido pelo vizinho. Na imagem, há um foco através do círculo em que a imagem está colocada, com fundo escuro e texto que remete a essa tristeza da menina: “quando penso nisso, sinto um aperto no coração...”. Ao mesmo tempo em que temos Meia como seu companheiro naquelas incertezas trazidas

pelas guerras, vemos que seu sumiço-morte é também a morte de sua infância. O contorno dele em seu colo também pode falar muito do luto de Gwijá por ambos (Meia e sua infância), sendo sentido e velado pela menina.



“ATÉ HOJE, SINTO UM APERTO NO
CORACÃO QUANDO PENSO NISSO.”

FIGURA 8 - Capítulo 3, Página 71

Durante a migração até a parte Sul da Península, Gwijá se perdeu de seu marido e filho mais velho. Na companhia apenas de sua filha mais nova, ainda um bebê, ela se abriga na casa de uma senhora durante a noite, onde, coincidentemente, encontra o cunhado, mas não permanecem juntos na travessia. Nesse episódio, Gwijá se vê preocupada com a separação da família, sendo possível visualizarmos essa aflição e vulnerabilidade nos traços escolhidos pela autora. O “sono” da aflição da mulher é retratado com formas escuras, borradas e muito sombreamento, dando-lhe a ideia de extrema inquietação dentro de seus pensamentos:



FIGURA 9 - Capítulo 7, Página 154

Nesse estilo com sombreado escuro e diversos traços mais “secos”, há as gravuras que tratam do encontro da amiga de Gwijá com sua irmã no 21º encontro de famílias (2018). Duas se destacam e conversam sobre a saudade e vulnerabilidade emocional no qual a personagem se encontra. Na primeira gravura, a representação das mãos que já fizeram e passaram por muito, com bastante sombreado e traços rápidos, demonstrando, assim como no sono de Gwijá, uma aflição pelo presente e futuro, sem sua família, mesmo com a possibilidade de seu encontro:



FIGURA 10 - Capítulo 8, Página 178

A outra sequência de imagens é do momento da 2ª separação da amiga de Gwijá com a irmã. Assim como no momento da Guerra, as duas se separaram novamente, em um momento de igual desespero na (além) guerra. Dessa forma, as famílias separadas continuam separadas. Os traços representam um tipo de tumulto, desespero e aflição:



FIGURA 11 - Capítulo 8, Página 189

No último capítulo, Jiná domina a narração da história, contando como era sua percepção quando criança da situação de sua família em relação às consequências da Guerra. Seu pai também passou por uma situação semelhante a de Gwijá, quando se juntaram alguns anos depois para não ficarem sozinhos, mas ainda comprometidos a encontrar seus familiares perdidos. As memórias difíceis dos pais sempre estão com esses traços secos, com bastante sombreados, em uma condição de exposição, já que procuravam quase que diariamente seus parentes na porta da KBS (Korean Broadcasting System), que promoveu um programa com o intuito de juntar essas famílias separadas (*Finding Dispersed Families* ‘이산가족을 찾습니다’, que foi ao ar do dia 30 de Junho a 14 de Novembro de 1983). Para que isso fosse possível, era necessário ir, com uma placa pendurada no pescoço, contendo informações de seus entes perdidos. Essa exposição também demonstra um traço de vulnerabilidade, tanto dos pais de Jiná como de outras tantas pessoas que ali estavam com o mesmo intuito. Tantas eram essas pessoas que mal tinham rostos com características próprias na gravura:



(1) BANG-IL KIM. 4 ANOS NA ÉPOCA... (2) SUNJA, JO. MORAVA EM PYONGYANG ANTES DA GUERRA...

FIGURA 12 - Capítulo 10, Página 227

Na última imagem analisada com o intuito de percebermos os traços utilizados, há uma incógnita quanto ao estado de Gwijá. Acredito que, como uma representação do fim da espera só possível no final de sua vida, ela encontra a família perdida novamente, como se este fosse seu “paraíso”. Na imagem, também é possível observar algumas árvores secas, que representam também esse fim da vida, assim como ocorrido no anúncio da morte do irmão mais velho. Essa sequência, verdade. mostra uma mistura de situação vulnerável emocional com uma memória feliz, que remete a nostalgia dos momentos felizes de Gwijá com os entes perdidos:



FIGURA 13 - Capítulo 10, Página 242



FIGURA 14 - Capítulo 10, Página 244

As árvores de *A Espera*

Ao abordarmos a questão da culpa/preocupação, o padrão visto é exemplificado, por exemplo, no começo da história. Essa grande árvore no começo da HQ demonstra o galopar da história, que será envolvido, muitas vezes, por uma culpa de Jiná, trazida, talvez, pelo resultado de muitas vezes não dar tanta atenção, ou até mesmo naturalizar, as cicatrizes de guerra da mãe, que a vê sofrendo por isso desde a infância.

Ilha de Ganghwa, 2020.

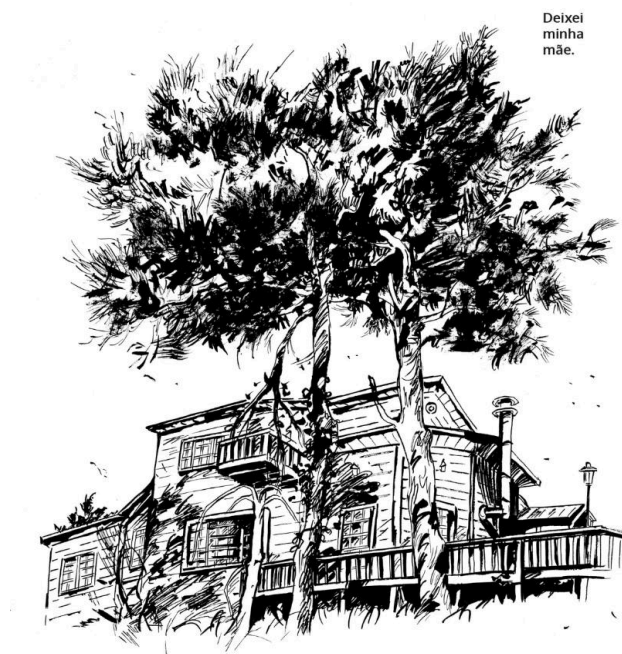


FIGURA 15 - Capítulo 1, Página 9.

A árvore da primeira página é envolta por um sentimento de preocupação e culpa, que Jiná sente ao contar porque precisou sair de perto da mãe, em Seul. Essa culpa pode justificar-se pela sensação de, mais uma vez, fazer com que a mãe experiencie abandono ou distância da família, assim como viveu no período da Guerra. A contemplação da filha, ao observar o paralelo 38, onde agora mora, é o motor chave da lembrança das histórias de guerra da mãe, principalmente quando trata-se da tentativa de busca dessa família que ficou perdida na marcha para a esfera Sul do país. Jiná prometeu à mãe que entraria em contato com a Cruz Vermelha (o Comitê Internacional da Cruz Vermelha começou sua missão na República da Coreia em 2015, concentrando-se principalmente na diplomacia

humanitária com as autoridades coreanas)⁹, a fim de que a ajudassem a procurar a família no Norte ou em outra parte no Sul. Essa situação se agrava mais quando há a lembrança do 21º encontro de famílias separadas, ocorrido em 2018.

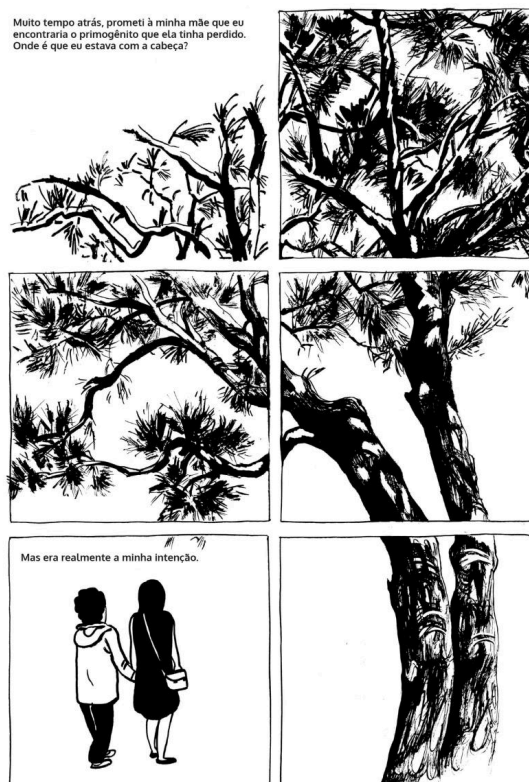


FIGURA 16 - Capítulo 2, Página 28.

Em outro momento, Gwijá, andando pela rua, encontra uma antiga amiga da vizinhança, que foi contemplada como uma das pessoas que iria reencontrar a irmã após a separação das duas no momento da divisão da Península Coreana durante a Guerra. Ao lembrarem da infância, no Norte, a página é tomada por uma enorme árvore, que serve de cenário para a mista memória nostálgica e dolorida. No decorrer da conversa, quanto mais profundo fica a lembrança da família e da infância, mais elas se emergem a essa natureza, chegando a um ponto que a árvore invade/vira suas próprias cabeças, que leva ao domínio daquele sentimento em ambas memórias.

⁹ Retirado do site da CICV. Disponível em: [ps://www.icrc.org/pt/onde-o-cicv-atua/republica-da-coreia](https://www.icrc.org/pt/onde-o-cicv-atua/republica-da-coreia). Acesso em: 19 de agosto, 2024.



FIGURA 17 - Capítulo 2, Página 45.

A interação das duas mostra a identificação da dor entre as pessoas que vivenciaram aquela época, demonstrando as cicatrizes que carregam por meio de suas histórias e memórias. Essa “subjetividade coletiva” ainda é interessante de ser abordada na narrativa da HQ, já que se relaciona à narrativa de resgate daquelas histórias botadas à margem no período de guerra (YOO, 2006).

Quando abordamos a nostalgia dolorosa, é interessante traçarmos um sentido de que aquelas experiências vivenciadas antes da guerra são de extrema importância para a lembrança de quem é aquela pessoa antes de toda a falta de humanidade que precisou experienciar (Soares, 2012). Tal ideia, então, é o que embasa essa ideia de nostalgia dolorosa, ou seja, aqueles últimos momentos “normais” antes da ruptura que seria trazida pelas vivências diretas da Guerra.

Esses momentos são protagonizados, muitas vezes, pela memória da infância/juventude/começo da vida adulta de Gwijá. Essa primeira lembrança é desencadeada no HQ pela conversa com a amiga antiga:



FIGURA 18 - Capítulo 2, Página 40.

Há um domínio da árvore no plano gráfico da Página, principalmente em comparação com as duas amigas, que são pequeninas em relação ao tamanho de sua lembrança, talvez um prelúdio ao que viria a ser o assunto de seu encontro, a conversa sobre o passado e como ainda domina seus pensamentos.

Ao voltar para o momento da infância pré-guerra, entendemos diversas histórias que, de alguma forma, conversam com o fim da fase de criança de Gwijá, que passa por uma quebra antecipada desse momento de vida. Tal rompimento precoce da infância é uma característica marcante da fase dos *Growth experienced generation* (YOO, 2006), que foram os autores que viveram durante a Guerra e utilizam de traços biográficos para pontuar memórias coletivas durante esse período vivenciado na Península Coreana (YOO, 2006).

Em um desses episódios mais dolorosos para Gwijá, ao perceber que provavelmente seu cachorrinho possa ter virado comida do vizinho, somos introduzidos ao momento por uma árvore floreira, que também ajuda-nos a entender a passagem do tempo e estações:



FIGURA 19 - Capítulo 3, Página 66

Essas memórias de nostalgia dolorosa se espalham em diversos momentos, como quando estavam combinando o casamento de Gwijá e o dia da cerimônia. Apesar de ser um matrimônio arranjado, a lembrança do momento nos parece tenra, o que descobrimos depois que é uma construção de uma união que trouxe alegrias para Gwijá:



FIGURA 20 - Capítulo 4, Página 81



FIGURA 21 - Capítulo 4, Página 82

A despedida de Gwijá em relação à família e, conseqüentemente, toda a sua infância, também é marcada pela figura da árvore. Essas, no entanto, abrem novos caminhos que seriam tomados por Gwijá. Apesar da nova fase, é pesada a despedida de seus familiares, principalmente mãe e irmão mais novo, que foram quem mais conviveram com a menina:



FIGURA 22 - Capítulo 4, Página 85

Agora, como um híbrido, gostaria de vislumbrar esse sentimento de nostalgia dolorida com um que apelidei de lembranças\memórias angustiantes, que são momentos do passado vividos por conta da guerra, uma experiência mais próxima do que foram as perdas e conseqüências vivenciadas pelos civis naqueles momentos. Esse híbrido são os momentos relacionados ao irmão mais velho ainda na Segunda Guerra. Primeiro, somos

introduzidos a uma carta escrita por ele, que conta como tem estado, com algumas censuras. Essa figura logo é sequenciada pelo pinheiro da família, que no momento está seco, com pouca vida ao seu redor. A relação entre os dois mostra a conexão da árvore com a figura do irmão:

A CARTA, ESCRITA EM JAPONÊS E CHINÊS, CONTINHA TRECHOS RASURADOS COM TINTA PRETA. DEVE TER SIDO COISA DE CENSURA. ELA TERMINAVA DIZENDO: 'LEMBRO-ME CONSTANTEMENTE DO GRANDE PINHEIRO DA NOSSA VILA. SONHO COM MINHA TERRA QUERIDA, SUAS MONTANHAS E RIOS. VOLTAREI SEM FALTA, MANDAREI NOTÍCIAS', MAS NUNCA MAIS CHEGOU OUTRA MENSAGEM.



FIGURA 23 - Capítulo 4, Página 77

Nesse passe, vemos o recebimento da notícia da morte do irmão, que aconteceu durante um embate na Manchúria. Toda a folha é dominada pelo pinheiro, mas já completamente seco, com uma perspectiva da mãe pequena, recebendo um soldado que trazia o infortúnio:



FIGURA 24 - Capítulo 4, Página 94

Logo na sequência, há uma relação direta do irmão com o pinheiro, quando Gwijá cita *“Eu desejava que a alma do meu irmão continuasse viva, verdejante como um pinheiro”* (Página 95). Esse memorial é confirmado também quando descobrimos que a bota de seu irmão foi enterrada junto ao pinheiro da vila, uma árvore que ele estimava. A figura da árvore está cheia de folhas, uma maneira de observar a alma de seu irmão ainda viva, como ela tanto desejou:

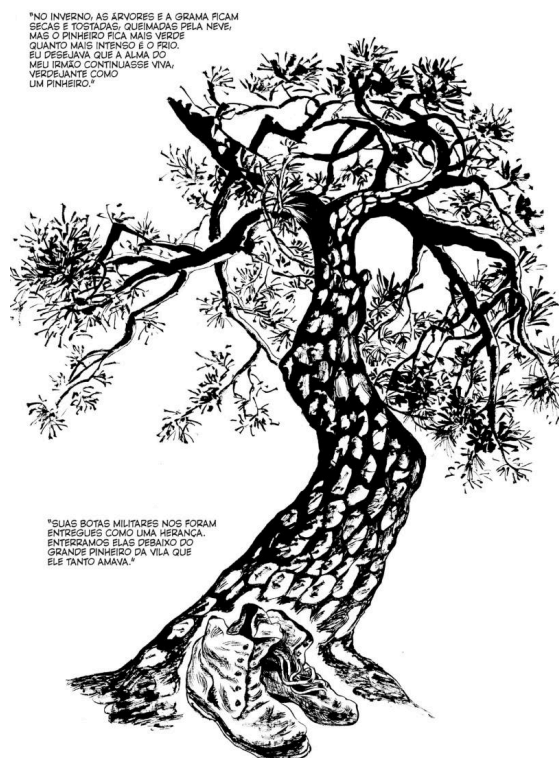


FIGURA 25 - Capítulo 4, Página 95

Quando há a descoberta pelo leitor que Gwijá teria um filho, a colocação feita por ela é mostrada de maneira positiva, com um simbolismo da mudança de estações para a primavera, estação muito relacionada à nova vida, principalmente quando pensamos no nascimento de novas flores e plantas. Essa nova vida seria tanto de seu primeiro filho como dela como mãe, e se observarmos o isolamento da palavra “eu”, vê-se que muito do foco do momento é sobre ela. A página que conta sobre a vinda de seu filho e seu novo papel como mãe é repleta de flores, borboletas, também símbolo de renascimento ou, como no Japão, duas borboletas podem ser vistas como a alegria do matrimônio (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1982), além de uma árvore com folhas:

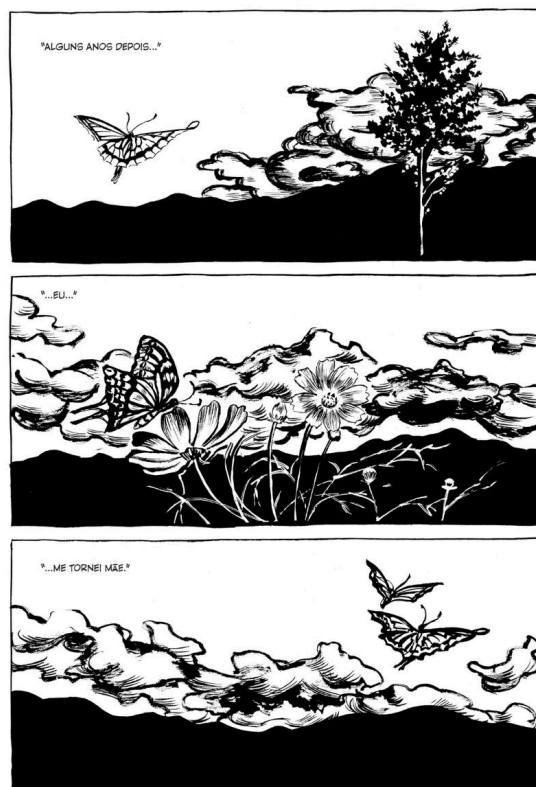


FIGURA 26 - Capítulo 5, Página 99

Portanto, é possível entendermos a importância da significância dos símbolos apresentados na HQ, visto que são parte fundamental da contação da história, se não a parte que mais nos remete a profundidade da narrativa e personagens apresentados pela autora. Percorrendo seus traços, percebe-se o estudo e estilo de Gendry-Kim, que traz delicadeza mesmo com seu uso do nanquim em linhas mais grossas e com sombreamentos mais fortes. Além disso, o uso das árvores, como catalisador de sentimentos e narrativas dentro da *graphic novel*, marca o símbolo quase como um terceiro personagem principal que, junto com Gwijá e Jiná, vira um narrador dos episódios por si só.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou a obra *A Espera*, buscando traçar o contexto histórico literário da época em que a narrativa se passa e indicando similaridades entre pontos importantes da escrita de Gendry-Kim com a Narrativa de Divisão, que visava a protagonização de histórias apagadas pela ditadura política vivida na Coreia do Sul. Em seguida, uma análise dos traços e símbolos postos na obra, tratando-se de uma HQ, que buscou aprofundar-se em questões narrativas, trazendo uma percepção sentimental dos personagens e episódios vividos na história.

Os traços e símbolos observados são de extrema importância para a total compreensão da obra, que acaba transformando sua narrativa a partir da colocação de determinados modos de expressão do desenho e das árvores. As linhas postas em análise tratam-se de um método de apresentação de momentos emocionalmente vulneráveis proporcionados pelas guerras. Sendo assim, a partir de um recorte trago pelo estudo, é possível achar expressões de angústia e críticas sobre a perda de humanização tragas pelos conflitos políticos. Sobre os ícones da natureza, há um padrão de retomada de memórias, separadas como questões nostálgicas dolorosas, além de lembranças angustiantes e sentimentos de culpa/preocupação.

A partir de uma busca mais aprofundada de narrativas mais específicas da literatura coreana, é possível entendermos questões que poderiam passar em branco, como as cicatrizes deixadas por aqueles que foram negligenciados e podados de contar e viver sua própria história e a de seus ancestrais. A tentativa de apagamento da memória de guerra traz marcas que para sempre serão lembradas pela população coreana, seja de maneira mais profunda ou até mesmo sem que percebam, já que esta tem o poder de reverberar até os dias que se seguem. O quanto cabe dentro da espera? Muito. E, com ela, seguem-se memórias; narrativas não contadas, por vezes esquecidas no tempo; nostalgia; dor e saudade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gendry-Kim, Keum Suk. **A Espera** / Keum Suk Gendry-Kim; tradução por Yun Jung Im. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2021.

Ahn Do-hyun | Esperando baleia... Canal Poesia Coreana, 2021. 1 vídeo (04 min). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=xsn_TsvKtVM. Acesso em: 22 nov. 2021.

FOCUS: Skyrocketing house prices leave many South Koreans struggling to buy. KYODO NEWS.

Disponível em:

[https://english.kyodonews.net/news/2021/06/333fa3ba46b0-focus-skyrocketing-house-prices-leave-](https://english.kyodonews.net/news/2021/06/333fa3ba46b0-focus-skyrocketing-house-prices-leave-many-south-koreans-struggling-to-buy.html)

[many-south-koreans-struggling-to-buy.html](https://english.kyodonews.net/news/2021/06/333fa3ba46b0-focus-skyrocketing-house-prices-leave-many-south-koreans-struggling-to-buy.html). Acesso em: 22 nov, 2021.

Famílias separadas pela Guerra da Coreia se reencontram após décadas. G1, 2018.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/20/familias-separadas-pela-guerra-da-coreia-s-e-reencontram-apos-decadas-de-separacao.ghtml>. Acesso em: 22 nov, 2021.

Líderes das Coreias prometem assinar acordo de paz para acabar com guerra ainda neste ano. G1, 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/presidente-sul-coreano-moon-jae-in-e-lider-norte-coreano-kim-jong-un-se-comprometem-a-assinar-acordo-de-paz-para-substituir-o-armisticio.ghtml>.

Acesso em: 22 nov, 2021.

BICKER, Laura. O 'navio dos milagres' que resgatou 14 mil refugiados norte-coreanos no Natal. BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50901906>.

Acesso em: 23 nov, 2021.

Video apresentado a la UNESCO en 2014: **Programa Especial de KBS ‘Buscando a familias separadas’**. Disponível em: http://world.kbs.co.kr/special/dispersed_families/index.htm?lang=s. Acesso em: 23 nov, 2021.

[K-Book Talk Series] **The Waiting Keum Suk Gendry-Kim**. Canal 한국문학번역원 LTI Korea, 2021. 1 vídeo (5:20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZzV9UYjGsv0>. Acesso em: 26 nov, 2021.

[KLN] **Interview with Keum Suk Gendry-Kim**. Canal 한국문학번역원 LTI Korea, 2021. 1 vídeo (11:58 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUcvtBTVFXg>. Acesso em: 26 nov, 2021.

YOON, Emily Jungmin. **Interview with Keum Suk Gendry-Kim: Imagining the Collective Memory of History**. Korean Literature Now, 2021. Disponível em: <https://koreanliteraturennow.com/interviews/keum-suk-gendry-kim-interview-keum-suk-gendry-kim-imagining-collective-memory-history>. Acesso em: 26 nov, 2021.

Dokdo foi o primeiro território coreano a ser vítima da agressão japonesa. Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia. Disponível em: https://dokdo.mofa.go.kr/pt/pds/pomflet_03.jsp. Acesso em: 26 nov, 2021.

República da Coreia. Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Disponível em: <ps://www.icrc.org/pt/onde-o-cicv-atua/república-da-coreia>. Acesso em: 19 de agosto, 2024.

SHIN, Kyung-Sook. **Por Favor, Cuide da Mamãe**. Edição digital: 2012. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

YOO, Im-ha. **Breaking the Seal of Memory: A New Perspective on Memory of the Korean War in Korean Novels after the Post-Cold War Era**. In: The Review of Korean Studies. Volume 9 Número 2. LOCAL DE PUBLICAÇÃO: The Academy of Korean Studies, 2006. p. 111–142.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, história, testemunho**. In: Lembrar Escrever Esquecer. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2006. 224p.

Chevalier J, Gheerbrant A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2012.

SOARES, Geraldo Antonio. **Os tormentos da memória: trauma e narrativa nos escritos de Primo Levi**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol.28, n 48, p.911-927: jul/dez 2012